

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

LUIZ CARLOS TAWI MATARIM

REGISTRO DE MITOS DO POVO INDÍGENA *KURÂ-BAKAIRI*

**Barra do Bugres
2016**

LUIZ CARLOS TAWI MATARIM

REGISTRO DE MITOS DO POVO INDÍGENA *KURÂ-BAKAI*R

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Lucimar Luisa Ferreira

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T425r MATARIM, Luiz Carlos Tawi.
Registro de mitos do Povo Indígena *Kurá-Bakairi* / Luiz Carlos Tawi Matarim. – Barra do Bugres, 2016.
55 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
Orientadora: Profa. Dra. Lucimar Luisa Ferreira.

1. Terra Indígena *Bakairi*. 2. Aldeia *Pakuera*. 3. Mitos *Kurá-Bakairi*. I. Ferreira, L. L., Dra. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

LUIZ CARLOS TAWI MATARIM

REGISTRO DE MITOS DO POVO INDÍGENA KURÂ-BAKAIRI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Barra do Bugres, 25 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lucimar Luisa Ferreira
Professora Orientadora

Prof. Esp. Márcio Monzilar Corezomaé
Professor Avaliador

Prof. Me. Isafas Munis Batista
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz
Coordenadora do Curso de Licenciatura Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me deu a vida e sabedoria para a realização deste trabalho. Em segundo lugar, agradeço à Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, que acolheu a minha entrada na Faculdade Intercultural Indígena.

Agradeço ao coordenador da Faculdade Intercultural Indígena, professor Dr. Adailton Alves da Silva e toda equipe do Projeto, Coordenadora do Curso de Licenciatura, professora Dr.^a Mônica Cidele da Cruz, professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino, professora Dr.^a Maria Helena R. Paes e a toda equipe de professores que compartilharam comigo as experiências durante o curso.

De forma especial, agradeço a minha esposa, Robenildes Xagope Cauto, que acreditou nos meus sonhos e por compreender a minha ausência durante essa caminhada, as minhas filhas Lívia Clara Awymaniru Tâwi e Mirella Malui Pâyduque Tâwi, por sempre estarem cientes de que o esforço sempre foi para o bem delas para o futuro; aos meus pais, Luiz Maciel Matarim e Dayrcy Kutazega Kaipanago, pelo incentivo e apoio que deram durante essa jornada na vida acadêmica, a meu irmão, Lucas Maciel Paruata Matarim, pelo apoio.

Agradeço ao professor Magno Amaldo da Silva, pela paciência, correção e revisão do meu trabalho de conclusão de curso, pelas diversas visitas em horários nem sempre oportunos, meus sinceros agradecimentos: “alâ ise kugu”!

Enfim, agradeço ao cacique Rafael Pacuare da Aldeia *Aki – Ety*, que me deu apoio durante a minha trajetória, ex-Cacique da Aldeia Pakuera, Mizael Pacuare, ex-CTL Gilson Cauto, ex-Diretor atual CTL Arlindo Rondon, ex-diretor Valdomir Yanu pela disposição da sala de aula, atual diretor Valdo Kutaiava Xagopé, aos Professores, entrevistados, supervisor Apolonio Apiaga e toda população Bakairi, que, de forma direta ou indireta, contribuíram para conclusão deste trabalho.

Agradeço, de forma especial, a minha orientadora, professora Dr.^a Lucimar Luísa Ferreira, por ter me ajudado muito durante esse processo.

Obrigado, professora! *Alâ ice!*

RESUMO

A pesquisa sobre os mitos do povo indígena *Kurâ-Bakairi* foi realizada na aldeia *Pakuera*, Terra Indígena *Bakairi*, que fica no município de Paranatinga, no estado de Mato Grosso. A investigação tem como propósito geral registrar alguns mitos do povo *Bakairi*, buscando adquirir e organizar um material para a produção de um livro didático com os contos dos mitos na língua materna e também em língua portuguesa. A organização desse material bilíngue visa contribuir para o ensino e a aprendizagem dos mitos na escola, tendo em vista seus significados e definições. O conto ritual pode ser praticado por homens e mulheres e ele serve para fortalecer a educação indígena, preservando as origens e fortalecendo cada vez mais a cultura como texto literário de forma oral e escrita. O objetivo desta monografia foi saber como são desenvolvidas as contações dos mitos na aldeia, quais foram os meios de aprendizagem na época em que não havia escola na aldeia e a importância de se preservar os mitos e registrar esse trabalho para as futuras gerações, para manter cada vez mais forte essa prática de contação de história de forma oral e de forma escrita. Os dados foram coletados com três anciãos da aldeia, escutando e entrevistando-os sobre como faziam para aprender essa técnica de contar mitos e que é preservado até hoje. A tradição de contação de histórias e mitos é importante para que não se perca os valores culturais tradicionais do nosso povo. Em nossa pesquisa registramos várias narrativas, tais como: mito de origem, lenda, contos etc. No trabalho, foi possível destacar que os mitos também são contados de formas diferentes conforme os subgrupos *Bakairi*. Para ilustrar a pesquisa, foram feitos desenhos e fotos que representam as características do conto dos mitos.

Palavras-chave: Mitos *Kurâ/Bakairi*. Aldeia *Pakuera*. Terra Indígena *Bakairi*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Fotos da Escola Bakairi.....	11
Figura 2 –	Foto da Aldeia Pakuera e Aldeia Aki Ety	12
Figura 3 –	Foto da sala de aula da EJA	14
Figura 4 –	Foto das máscaras <i>Kuamby</i>	16
Figura 5 –	Foto do batizado de minha filha.....	23
Figura 6 –	Foto da dança do Kapa - Daircy, minha mãe	31
Figura 7 –	Fotos de minha família e minha filhas com o pajé Vicente	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – SOBRE O POVO E A CULTURA <i>KURÂ-BAKAIRI</i>	10
CAPÍTULO II – REGISTRO DA MITOLOGIA: ABORDAGEM TEÓRICA, METODOLÓGICA E PRÁTICA NA ESCOLA.....	13
2.1 A experiência com alunos do EJA.....	14
CAPÍTULO III – A MITOLOGIA DO POVO <i>KURÂ-BAKAIRI</i>.....	16
3.1 Registro das narrativas na língua <i>Bakairi</i>	17
3.2 Versão para o português	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
CONSULTORES NATIVOS.....	52
ANEXO.....	53
ANEXO A – FOTO DE LUIZ CARLOS TÂWI MATARIM.....	54

INTRODUÇÃO

Para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o tema que escolhi foi os mitos do povo indígena *Kurâ-Bakairi*. São através deles que o nosso povo explica o universo e tudo que existe nele: sua origem; forma; conteúdos e principalmente os “porquês” que acompanham a vida do povo *Bakairi*. O registro de alguns mitos vai servir para ajudar a fortalecer a cultura cada vez mais, em todas as vezes que alguém ler para uma criança ou, simplesmente, para lembrar do que foi ensinado de geração em geração.

Esta pesquisa foi realizada com os mais velhos, que conhecem esse assunto, por isso tem o caráter de verdadeiro e respeito à cultura do nosso povo *Bakairi*. Nas sociedades Indígenas a arte está presente em todas as esferas da vida: nos rituais, na produção de alimentos, nos locais de moradia, nas práticas guerreiras, nos contos de mitos, histórias, além de expressar os aspectos da própria organização social.

O objetivo deste trabalho é registrar as narrativas para apresentá-las para o próprio povo uma das diferentes versões dos mitos do povo indígena *Kurâ-Bakairi*. Conhecer os tipos de histórias, registrar os mitos, contos e lendas. Além disso, identificar em que momento é praticado o conto de mitos, incentivando os professores e alunos para que em união possamos manter a nossa cultura viva, forte e construir um futuro melhor para a geração nova.

Escolhi este tema porque hoje em dia as culturas minoritárias estão se enfraquecendo cada vez mais e começam a ser engolidas pela cultura do “homem branco”, que encantadora e perigosa para a continuidade da nossa. O interesse maior de minha pesquisa é poder trabalhar na unidade escolar e acadêmica, também para ensinar os alunos na sala de aula, para que possam aprender os mitos e praticar no dia a dia na comunidade.

Essa pesquisa também é importante porque traz uma forma de fortalecer o conto de mitos, porque já não é tão comum a prática na comunidade *Bakairi*, mas que precisa ser praticada nas escolas da aldeia e incentivada, através da elaboração de livros didáticos.

A pesquisa de campo teve como ponto focal a Escola Estadual Indígena *Kurâ-Bakairi* que fica na aldeia *Pakuera* e em uma de suas salas anexas, a sala da Aldeia *Kaiahoalo*, localizada, a 30 km de distância, onde funciona uma sala do EJA.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa foi realizada com as crianças e jovens, dentro e fora da sala de aula, sendo que o professor acompanhou na sala de aula e os anciãos acompanharam junto com os pais fora da sala de aula, apresentando diferentes versões do mesmo tema. Os mitos foram contados pela anciã Laurinda Komaedâ, Ruti Tairu e Moacir Madycai. Assim, anotei várias histórias e juntamente com meus alunos do EJA,

transcrevemos e traduzimos os mitos. Conforme os mitos contados, fui registrando no caderno na língua portuguesa e depois fui traduzindo para a língua materna, para que este trabalho ficasse pronto.

CAPÍTULO I – SOBRE O POVO E A CULTURA *KURÂ-BAKAIRI*

Meu nome é Luiz Carlos Tâwi Matarim, sou índio pertencente à etnia *Kurâ-Bakairi*, tenho 25 anos de idade, casado e pai de duas lindas meninas. Eu e o meu povo *Bakairi* nos autodenominamos *Kurâ*. A palavra *Kurâ* remete a idéia da nossa memória, nossa gente, nosso povo, aquilo que é inerente aos *Bakairi*. Esse termo *Bakairi* não é muito usado, considerando o vocabulário da língua que falamos. A língua que falamos pertence à família linguística *Karib*.

Moro na aldeia *Aki-ety*, uma pequena aldeia composta por doze famílias e 51 pessoas. Essa aldeia possui luz elétrica, água encanada a partir de um poço artesiano, campo de futebol e atendimento preventivo de saúde, através de um Agente Indígena de Saúde e um Agente Indígena de Saneamento Básico. Nossas casas são dispostas em duas fileiras, em forma de rua, ao longo da lateral do campo de futebol, são feitas de pau-a-pique barroteadas com barro e cobertas com palha de buriti, entretanto já existem duas construções de materiais. Todos aqui falam a língua indígena e compreendem bem o português, mas existe um jeito especial de viver, o jeito *Kurâ*, onde respeitamos o sogro, compartilhamos alimentos, não temos apegos aos bens materiais e não colocamos os parentes em situações de constrangimentos diante do público. Enfim, somos felizes e gostamos de receber amigos em casa.

Atualmente o povo *Bakairi*, ocupa duas Áreas: Terra Indígena *Bakairi* (61.405 ha), entre os municípios de Paranatinga e Planalto da Serra, e Terra Indígena de Santana (35.470ha), no município de Nobres, ambas no estado do Mato Grosso. Somos aproximadamente 1.000 indivíduos distribuídos pelas 12 aldeias indígenas existentes: 02 em Santana (Santana e Nova Canaã) e 10 na Terra *Bakairi* (*Pakuera*, *Aturua*, *Paikum*, *Kaiahoalo*, *Paikum Atuby*, *Sawâpa*, Alto Ramalho, *Iahodu*, *Aki-Ety* e *Kuiakuare-Ety*).

Na Terra Indígena *Bakairi*, a maior aldeia é a Aldeia *Pakuera*. Nela existem 320 pessoas distribuídas entre 90 famílias existentes. É nesta aldeia que funciona a Escola Estadual Indígena *Kurâ-Bakairi*, ofertando a educação básica completa, inclusive a Educação de Jovens e Adultos, o EJA, modalidade em que venho trabalhando há dois anos como professor da área de Línguas, Artes e Literatura.

Das dez aldeias da Terra *Bakairi* apenas quatro possuem escolas: *Pakuera* (Escola Municipal José Pires *Uluku* e Escola Estadual Indígena *Kurâ-Bakairi*); *Aturua* (Escola Municipal Otávio Cureve e Escola Estadual Indígena de Educação Básica *Aturua*); *Painkum* (Escola Municipal *Painkum*) e *Kaiahoalo* (Escola Municipal Vicente Kaiawa), as demais aldeias utilizam dos serviços prestados pelas escolas do *Pakuera*.

Nas escolas do *Pakuera*, assim como nas demais escolas do povo *Bakairi*, todos os professores são índios *Kurâ*, graduados e a maioria possui pós-graduação; apenas dois professores estão concluindo a Faculdade Indígena Inter-Cultural na UNEMAT na cidade de Barra do Bugres - MT, o Marcení e eu, Luiz Carlos Tâwi Matarim.

Figura 1 – Fotos da Escola Bakairi



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015

Na aldeia *Pakuera*, além das escolas existem também outras instituições como Posto Administrativo da FUNAI, Posto de Saúde; Brigada Indígena do PREVFOGO do IBAMA e a Associação do povo *Bakairi*, a AKURAB.

A aldeia *Pakuera* que é considerada por nós a aldeia mãe, pois foi a partir dela que originaram as demais, sempre está em movimento, praticando e valorizando a cultura *Bakairi*. Lá o nosso povo se reúne para praticar diferentes atividades e rituais de um complexo universo chamado *Kado* (conjunto de atividades culturais do povo *Bakairi*, festas ou

sagradas); dançamos o *Iakuigady* e *Kuanby* (conjunto de máscaras cerimoniais, que representam entidades espirituais aquáticas do universo mitológico *Bakairi*); *Áryko* (conjunto de cantos e danças simbolizadas por um bastão de diferentes pinturas, realizada para incentivar os espíritos da plantação de mandioca); *Iawaisary* (mito de origem do povo *Bakairi*); *Kapa* (dança para celebrar plantações e colheitas fartas, com chuvas regulares, que representa uma espécie de peixe lambari); *Tadânwa* (dança de flautas para cerimônia matrimoniais); *Sadyry* (rito de passagem onde se perfura os lóbulos das orelhas dos meninos em idade da puberdade – Furação de Orelha), entre outros. Faz-se o batizado do milho, a maior festa do povo *Bakairi*, procurando não apenas manter viva, mas fortalecendo a nossa cultura e tradições até os dias atuais.

Pensando na continuidade dessas atividades é que surgiu a ideia de realizar uma pesquisa para revitalizar a prática dos contos de histórias do povo *Bakairi*, os Mitos. Assim, trato nos próximos capítulos da arte de contar e da importância de se manter viva a história registrada nos mitos *Bakairi*.

Figura 2 – Foto da Aldeia Pakuera e Aldeia Aki Ety



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015

CAPÍTULO II – REGISTRO DA MITOLOGIA: ABORDAGEM TEÓRICA, METODOLÓGICA E PRÁTICA NA ESCOLA

Segundo BRANDÃO (2011, p. 49), “o mito é uma palavra narrativa de composição simples que tem uma preocupação explicativa, atendendo a uma necessidade que temos, seres humanos, de dar um sentido para às coisas, aos fenômenos que nos cercam”. De acordo com a autora, o mito enfoca temas que tocam nas raízes culturais de um povo, revelando-nos o seu conhecimento de mundo, seu modo de ver a realidade. Dessa forma, o mito constitui um gênero narrativo que faz parte da construção da identidade de um povo. Inicialmente transmitido de forma oral, o mito é uma narrativa que revela, num determinado momento histórico, a necessidade que seres humanos têm de compreender o universo e de entendê-lo como um todo.

Encontramos também a definição de mito no dicionário, de AURÉLIO JÚNIOR, como sendo “uma narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração dentro de determinado grupo e considerada verdadeira por ele” (2005, p. 591).

São essas as definições mais aceitas pelo povo *Bakairi*, pois acreditamos no *Kado*, assim como os cristãos convictos acreditam na bíblia, revelando uma necessidade que temos de compreender e entender o universo em que vivemos, principalmente para dar respostas as nossas origens, da época em que os animais eram quase humanos.

Para realização deste trabalho realizamos a seguinte metodologia: primeiro foi feito a apresentação do tema para a o coordenador pedagógico da escola, o qual indicou a turma a ser trabalhada, a EJA, da sala anexa da aldeia *Kaiahoalo*. Tendo a turma escolhida, passei a conversar com eles de maneira descontraída, de modo que todos se sentissem à vontade. Mais tarde comecei a registrar as nossas conversas em caderno de campo e a trabalhar na escolha dos mitos. Uma vez escolhidos os mitos para serem pesquisados, foi a vez de selecionarmos as pessoas da comunidade que poderiam nos ajudar, dando entrevistas e contando as histórias do nosso povo. Entre o universo *Bakairi*, escolhemos três pessoas em particular:

a). Laurinda Komaeda – 104 anos, considerada a maior biblioteca viva do povo *Bakairi*, conhecedora das histórias de origem e das lutas pela garantia do Território *Bakairi*;

b). Ruth Tairo – 68 anos, filha de Laurinda Komaeda e grande especialista na arte de contos *Bakairi*;

c). Moacir Madicai – 66 anos, cantador e mestre na confecção dos bastões do *Áryko*, considerado um dos melhores artesão e cantador do povo *Bakairi*. Além disso, possui

admirável respeito por ter exercido a função de vice-cacique durante muitos anos na Aldeia *Pakuera*.

2.1 A experiência com alunos do EJA

Com relação à prática de registro dos mitos, utilizamos o conceito de retextualização de Marcuschi (2001). Para o autor, a retextualização é uma prática de transformação textual, cujo processo envolve a reconstrução, a recriação e a recontextualização. Para Marcuschi (2001, p. 62) “As atividades de transformação, que constituem a retextualização em sentido estrito, dizem respeito a operações que vão além da simples regularização linguística, pois envolvem procedimentos de substituição, reordenação, ampliação/redução e mudança de estilo”.

Utilizamos também nas aulas de registro de mitos, as indicações do RCNEI, que orienta os professores indígenas a usarem textos significativos nas aulas de línguas. Partindo das indicações do RCNEI e do conceito de retextualização (MARCUSCHI, 2001), o trabalho na sala de aula foi proposto e desenvolvido.

Figura 3 – Foto da sala de aula da EJA



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015

As histórias contadas pelos anciãos foram gravadas e posteriormente transcritas para o português. Em seguida, foram trabalhadas com a turma de alunos da EJA. A tradução em língua *Bakairi* foi realizada juntamente com o auxílio do professor Apolônio, professor de língua materna da Escola *Kurâ-Bakairi*.

Para essa atividade de registro contamos também com o auxílio de uma pequena cartilha de contos e mitos, contados pela Dona Laurinda e produzida pelo “Sammer Institute of Linguistics – SIL”, do ano de 1995. Essa cartilha consta da relação de livros pesquisados como fonte bibliográfica e a maioria dos exemplares já se perdeu ao longo do tempo, não podendo ser utilizada devidamente pela comunidade *Bakairi*.

Por último, foi feita a apresentação dos mitos, na Escola, para a comunidade avaliar e selecionar aqueles que deveriam compor este Trabalho de Conclusão de Curso, o meu TCC, sendo os seguintes: *Alakibe*, que é a história de um menino que presenciou uma grande tragédia e por isso revoltou-se contra seu pai; *Tyajinepa atobyry*, história que fala da época em que o mundo vivia na escuridão e dos casamentos que deram origem ao povo *Bakairi*; *Iamyra uguondo nhâtobyry*, que fala do homem que foi devorado por um espírito mau, por andar sozinho nas matas depois de anoitecer.

CAPÍTULO III – A MITOLOGIA DO POVO *KURÂ-BAKAIRI*

Neste capítulo, tratamos de descrever os três mitos do povo *Bakairi* escolhidos, que julgamos representativos da nossa cultura. O primeiro deles, trata da vingança de um menino. Fala também de suas aventuras para crescer num mundo onde os animais eram quase humanos e tratados como parentes de nossos ancestrais. Um mito importante para explicar os ritos de passagem dos jovens de hoje e da necessidade do uso do escarificador dentro da cultura *Bakairi*.

O segundo mito fala da escuridão, relata as façanhas dos nossos ancestrais para se livrarem da perseguição das onças e da origem do casamento cerimonial, com uso de danças e flautas musicais.

O terceiro, trata do homem comido pelo espírito mal. Fala dos perigos que podemos encontrar quando andarmos sozinho nas matas e do perigo de encontrar espíritos de outros planos que podem provocar doenças ou até mesmo sermos devorados por eles.

Abaixo, seguem os mitos, com a indicação dos autores, transcritos na língua *Bakairi*, com suas respectivas versões em português.

Figura 4 – Foto das máscaras *Kuamby*



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015

3.1 Registro das narrativas na língua *Bakairi*

Alakibe

Alakibe myakânwâm tywydy nhewiâsedily tywydy iwidy wâgâ. Aituo myakânwâm aguely:

_ Inoro penrâ kyzeinra- kely tusonra.

_ Aekuka penrâ einze mydâdyse mawyly? Einze mydâdyse matay, nhohonra – kely myakânwâm em.

Kaudyly ume lâgâlâ mawânâ awârâ mondo âtugudyly.

Tadaudyly umelâ awârâ mondobe awyly. Iweâ kulâba lâgâlâ awârâ mondobe awyly. Awârâ tâjiwydy iwidi agâ tâjiwâtânrum awârâ mondo adaguly, saguhoenlâ myakânwândy.

Aituo myakânwâm,

_ Inoro! Inoro! – kely imaze myakânwâm.

_ Inoro. Einra-kely myakânwâm.

Idâlymo myakânwâm em, iwidy, imery uguondo warâ, kaikâ SOK kudupi emaym.

Warâ myakânwâm iwidy idâly.

_ Inoro, seko. Kytâly-kely.

_ Inoro.

Idâlymo myakânwâm

Aituo myakânwâm kaynâ nhepagodâdyly. Aituo myakânwâm nhoholy. Koendâ niohomba kulâ.

Aituo myakânwâm âkuly.

_ Alâ. Etygârâ – keduo myakânwâm iwidy âkuly tutubiry agâ.

Kudupi emaym warâ âkuly. Aituo nhetyho nudupa, tagarane.

Aituo mawânkâ iwidy aguely:

_ kapa wânâ sagaranu, uguely. Taynynâ wânâ sagaranu.

Kâentyhoemba enram. Kâentyho nudupa-kely myakânwâm iwidy.

_ Âkeá. Imary oleguene iodaylâ nidâ – kely myakânwâm em.

Aguely iwâkuru keba olâ, iewiâky.

Aituo XUK, tamari netyba myakânwâm iwidy. XAK XAK nhentuo, mârâ TYXUK mârâ mânry nhohohobyry emydy, emery nhakubyândyly myakânwâm XUK.

_ Alâ. Awâlâ eingâ – kely myakânwâm.

Aitybyem myakânwâm,

_ Aga ha ha – kely myakânwâm.

Emery nâzetyba.

Xytâguyly lelâ mâkâ. Aienipyryem idâly lelâ.

Tek târâ mâkâ imery iaylâ. Toenzepa lâgâlâ mâkâ imery satuandyly warâ myakânwâm iay.

_ Seko!Seko! Iokobagâ nabârâ! – kely tyzenram.

_ Idâwâniem inkâba urâ. Unwâm ienagazedai. Unwâm nhewyndykâdai – kely myakânwâm ise.

_ Toenzepa enra yatuandyly – kely.

_ Âkeá. Âdamunra idâ. Âdamunra paru âenkada – kely myakânwâm ise.

Kosoronra ingonodyly.

Aituo myakânwâm kosoro paru in-hugueândyly. Kaynâ ihuguely toenzepa.

_ Tek iekâ awârâ kudupi – kely.

Tek kudupi nhetomyguyly. Ilâ odaxi kopâ ihuguely. Kopâ ihugueyby nhenydomyguyly.

TEK nhetondyly. Nhenyly. Alâ kulâ myakânwâm imery paru nhenyly.

Alâ myakânwâm ise âduhudâdyly.

_ Kurâempa widyly aise xirâ iweâma. Idâne – kely tymeryam.

Kukuguem idyly.

_ Ohobe ise xirâ. “U U U U” uguely ise. “Âwaguegâ.Ikârâ” keze ise xirâ. “Ku Ku Ku Ku Ku Ku Ku Ku Ku” uguely ise. “ytagoengu” ise xirâ. “u u” uguely maise. Ytanru iwyku ise – kely myakânwâm.

_ Âdamunra ise mydâly. Âzepabâgueorane âdamunra. “Kam Kam” myguely-ro watay, nhukagu, âwainji warâ ise

Mankyly. “Kam Kam” myguely watay, kâzezekene.

aMâenzekely tâisebane ikâ. Iewiâto 18ala18. “KamTako orogamâ Kam” kekâ lelâne. “orogamâ” myguyly lakuru ise. Orogamâ “matobia” kekâ lelâne. Âgudo tâkezebane ikâ – kely.

A_ En-hem. Âtâram idâly, tundunram.

_ ningo, “Udâly isenra” keanry unkâ seko-ro. Kurâempa

Enra seko. Ipa seko – kely.

Eogunru idyly.

Ipa, iwery idâly. Aunto nhadyly, nhunkagu warâ kehoem.

Iwery idâly até awyarâlâ wao. Peluguze agâ oxiodyly.

_ Âdyam mydâly?

_ *Takoam udâly.*

_ *Âkeá. Ády mankyly?*

Nhedily.

_ *Semyji wao.*

Nhemyly, mâkâ saguhoem âwainji nhemyly. Âzenusawenily.

_ *Egâ isebyry.*

PUH PUH iwydy nhemyly.

_ *Egâ nhuwympyry.*

Nhukagu nhemylymo. Eh, toenzepa kehoem ehozeladoem,

Nhukagu nhemylymo.

_ *Alâ. Idâ. Iamundo igonoto keba lâgâlâ mâkâ. “Idâ”*

Olegue, kely. Eta. “Tako, KAM. Tako, KAM” kekâ lelâne – kely.

_ *Em-hem.*

Idâdomyguily.Ipa, saindyly.LY... LY... LY TUPÂ LY.

Warâ kehoem mârâ idâhu aidyly.

Ipa,

_ *KAM, KAM. Tako, KAM. Matobia, KAM. Tako*

Orogamâ, KAM.

Ipa, âewyly lelâ kehoem. Iopaji kehoem epagudyly.

_ *AH, âmâ kuru, ywe?*

_ *Âkeálâ.*

_ *Alâ igary. Nhuwym nhenagazedily, myguehonly.*

Nhuwym nhewydykâdily. Ise adiento aralâ, amyguehonly – kely.

_ *Em-hem, tako. Âwainji xirâ, aunto xirâ warâ, nhukagu warâ – kely.*

_ *Âkeá, ywe.*

_ *“Takonra idâ. Âjiwayora”ningo keduo, kêwyly – kely.*

_ *Kugonotayn-ho mâkeba urâ. Kugonodyly kyetayn-ho*

Mâkeba urâ. Mâkâ enra awâse.Mâkâbeam autârâ.Âgudo nhânse.

Orogamâ nhâse keho urâ – kely.

_ *Inoro.*

Nhandylymo. Nhandyly. Ipa, tywydyam aguely:

_ *Âmâ wao isenra saguhoem kywery iwaynrim, aripi – kely.*

_ *Em-hem.*

Ipa, kogonekâlâ kehoem nhuoly lelâ. LUGUIM TEK.

_ Âynaduone PARAK PARAK yekâ – keyobyry.
 Awylygue ine...iweâpa lâgâlâ. TEK wakehoem PARAK
 PARAK PARAK nhedyly tarâ ioday.
 _ Kyweryze PARAK PARAK yetai. Alâ myanze kywery
 Xynadyly myanze. Paru âenta – kely.
 _ En-hem.
 Paru ese idâly. Nhompâdyly paru igokeho.
 Inema pylâ âeankely-ro. Egasedaylâ tyerygue inwayly-ro.
 Tapeke kehoem TE imeâgâemba lâgâlâ. Ingokely. XYDYK. Alâ!
 Inê... warâ wao eodu pyenary awâse idâly. Âsenomedâdyly wao.
 Pyenary nhenewyly. Nhuduly. Nhundu nhuandyly.
 Ilema pylâ mâkâ iso pylâ nhuoly-ro.
 _ Inê âynadobyry arane PARAK PARAK yekâ–kely.
 Inê... iweâpa lâpylâ mâkâ ugundo oday awyly.
 _ Anra enra kywery aydyly. Parune ompâgâ.
 Paru nhompâdyly mahugulu adaji. Âeankeondyly.
 Imeâgâemba lelâ-ro warâ. Nhuindyly. Eodu awâse idâly.
 _ Alâ.
 _ Inoro.Kydane. Kiandyly isenra.Inoro.Idâ, ywe.Inoro.
 Iamundo igonotayn-ho mâkeba urâ. Inoro – kely.
 _ Inoro.
 Idâlymo lelâ. Inê awyarâ tientobyryam inmoly.
 Âewyly lelâ-ro. BAUK. Ipa, saintybyem TAM.
 _ Alakibe, XIM.
 _ Alakibe nâetai – kely mâkâ ise iwidypyry, nhuwym
 Agâlâ.
 _ Nâetaymba. Âesema âmâ, agudo itaji idâypyem, 20ala20
 Nhuoympyem.
 _ Nâetai. Anri. Aripsi eoku wao kanxi.
 Eoku nhandyly. Nhedyly târâ. Mâkâ tywary imerybyry
 Inwâtâendyly lelâ pylâ. Târâ unkâ eagâ inê warâ.
 Ipa,
 _ Alâ mâkâ nhunwy mârâ aiedyly – kely pylâ.
 _ Kado ety itâdyly 20ala tâise, mery. Koendâpa kuru

Kudaze – kely lelâ.

Ipa, tukân râam intâneholy lelâ emedyly ara. Ipa, âtâ âjitâdybyem lelâ.

_ Kado ety emydy wogonro emakely wane tâise,

Kewâdyly kulâ, uguely, mery – keduo, tunduam aguely.

Kewâdyly kulâ.

_ Unwym iguanânehoze kulâ aguely – kely nhundu.

Ese idâly kopaelâ. Ekâjiguzze idâly emaxi semimunram.

Semimu nhekozeândyly târâ.

_ Âdy târâ xunârymo, ywe? – kely .

_ Âdy keba 21ala, unkâ keankâ. “Tymenhu du ely awâry

Nhatâly-ga” kely. “Tymenhu du ely nhatâly-kâ” kelylâ. Akaemo

Inanry xunâry-ro, tako.

_ Âkeá. I HI HI HIHI.

Tyeilugue semimu ekozely. Hu’!

_ Nâbá, ywe.

Agueondyly.

_ Em-hem, tako – kelylâ.

Akaemo inanry xunâry-ro.

_ HI HI HI HI HU.

Agopalâ wao. Agueondyly .Agueondyly. Ho ago kuru

Ekozely HO. Ilâ endaylâ XYGUY XYGUY XYGUY

Nhakoeguwâdyly. Ipa, agueondyly ago kuru-ro. HO ekozely.

Ipa, mârâenlâ egado ety emydy wogonro nhekâjiguwâdyly. Ipa, idâly lelâ.

BAUK.MOK xuaguely.

_ Nâbá, ywe – keze wane.

Nem âdykâ kuru-ro. Egado ety emydy wogonro ipa lelâ

Sanipyryem.

_ Alakibe XIM.

Ipa, kogonekâ mârâ kado ety emydy wogonrope lelâ.

_ Aku wânkâ.

Myarâ, myarâ warâ ingonodyly. Tugonodylygue xynadyly.

Nhâly. Parudâ nhuahuly.

Mâkâlâ aukâ uguely, xua nhâhobyrylâ awâkâ. Egâ, iwâenky

Adapâmidyly matobi nhygatyby. Ipa, idâly. Nhuahuly lelâ xua

Oday mâkâ Alakibe.

_ Nhaum, tarâ mâkâ. Ângy ku keanra mâkâ tuantay –

Kely paruum idâwâtyby mondo.

Ipa, uguondo mondo âjikaunly ese. Ipa, mâkâ lelâ kehoem

Nhenugoendâgyuly. Einkâlâ kehoem egasely. Alakibe tunwym

Nhâly. Ipa, TUK TUK tâtâly umelâ kehoem nhâly lelâ. Erery

Odakâ kehoem nhâly.

_ AGÁ!

TEK.

_ Nhaum, nigâmyagui! Nigâmyagui! Nigâmyagui!

_ Kelymo.

Ipa, idâlymo ese. DEH, iwâlypyry igueypyem lelâ. Ipa,

Mâkâ tuso-ro âzetybyem lelâ tuso-ro BAUK. Târâ idyly. Inê

Kulâkâba nokogueba lolâ myakânwâm tywantarydâ. Ipa, âewyly.

_ Ânguy kukeanra atârâ – kely nhuwym iwydypyry.

_ IPA, kurâ nyaki warâ – kely.

_ Âkeá – kely alakibe.

Âh, MYK mâkâ eagâ idyly. Iwydypyry eagâ idyly lelâ. Ipa,

_ Imy sexi – kely.

Emy nhedyly. PUH warâ âzemykelymo. Ipa, iunu nhedyly

Iwantagoay.

_ Âmâ kulâka makynre aini? – Kely.

_ Âmâ kulâka keankâ aini keankâ? Âmâ kulâka keankâ

Unwâm xyâim – kely.

_ Urâ – kely lelâ.

_ Urâ. Urâlâ keankâ, aini keankâ. Seko enagazeze maunkâ

Keankâ. Seko ewyndykâze keankâ. Tyzenrempa ienamado byry

Lolâ keankâ, kâenanâguely keakâ. Seko enagazeze maunkâ

Keankâ. Awylygue lolâ keankâ agânhedyly keankâ – kely.

Ipa mâkâ. Ilâpyryem, idâly lelâ. Âwiendyly lelâ. Warâ

Myakânwâm alakibe tunwym yâimpyryem âxiguely myakânwâm.

Alâ kâinane xirâ unâ kâinane.

(Laurinda komaedâ, 104 anos de idade)

Figura 5 – Foto do batizado de minha filha



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015

Tyajinepa atobyry

Saguhoem myakânwâm kydamudo nemepyra. Iamu oday

Kulâ myakânwâm adakobâdylymo. Nem xixi peba lâgâlâ. Nem

Awârâ ximukâ peba. Ipa lelâlâ myakânwâm saguhoem.

Kydamudo se opay kulâ. TONRÓ tâynynâ TONRÓ tayynnâ warâ

Se tywinzakalagueim odakâ kulâ myakânwâm kydamudo

Saguhoem iamu oday.

Aituo myakânwâm kydamudo âdâholy udodoam. Udodonram

Kulâ kydamudo âdâholy warâ myakânwâm xirâ xixi peba atay

Awyly ume.

Aituo myakânwâm awâkâ kuamoty tatâry edy aseguze

Idâly, iamu oday. Ura, tatâry edy aseguze idâly myakânwâm,

Udodo xyâze kely.

Aituo myakânwâm egasely.

_ Aukâlâ. Aukâlâ. Aukâlâ – kelymo.

Nhuankadylymo tayynnâ, tâynynâ warâ nhawympymoem

Awyly ume, XYDYK ioday mâkâ. Ipa, sakadyly myakânwâm.

SORORO pyrâu awâry keduo.

_ ÂGÂ, tykao. Pekodo odo urâ – kely myakânwâm.

_ Âkeá.Iokobagâ la akagâ –kely.

Ipa, sakadyly lelâ. Nhakaneholy.

_ Âdykâ? Âdykâ?Âdykâ? – kelymo.

_ Awyayam maunkâ enram idâly. Xayam nâepyra enranze.

_xayanlâ anze âewyly. Mâegaseân-neholy kulâ. Âmâ kulâ

Egaseân-nehonrim. Xayanlâ âewyly – kely.

_ Âwâ.Tainkâ nakabyra kaunkâ-ro.

_ Tainkâ nakabyra inkâba. Makanehoagui. Xayanlâ âewyly.

Xayanlâ kuaunkâ âewyly-ro. Senase maunkâ âewyly. Xaynralâ

Enram âewyly – kely.

Ipa, mâkâ kuamoty sakadybyem idâly lelâ. MYK.Ipa. Aituo

Târâ HU`Âpaunzedily.

_ Koendâpa ugueaki kuru-ro. Koendâpa ugueakize – kely.

Aituo se satâwâze idâly, tyngatoem. Kurâem itoem

Nhygadyly. Até kâmydy ara kehoem nhygadyly. Kytary ara

Kahoem inê warâ nhengadyly.Nhyngahudâdyly.PUH.

_ nâbâ, iweâma xirâ sakowâdaungâ.

Anji nhenâtâguely, nhakohoem wâne. Sakowâmo wâne.

Aitybyem idâly âpa ezaji. Sahubâ nhokeze idâly.Âewyly.

_ Alâ isenram xogo âewyly – kenwâlâ wânemy.

Inê xarâ myharâ itybyem awyly umelâ myakânwâm. PO RU

RU MYK, ihuguely. Nâtugubyra.XUM egawândily.MYK.Ipa,

Nâtugubyra.Alâ mârâ nhamuinly.

_ Âdy wâinse? – kely.

Eagonro nhatâwâdondily. Ilâ nhyngahudâdyly.Anhetondily.

Nhuewenly, âpa ezaji tâtâhoem.

_ Wokune sakowâdaungâ, ymeom. Anra anji.

Mankolyimo ise. Poguem ise amânhedylymo – kely.

PUH, ego opaji nhedyly. BAUK. Aitybyem âpa ezaji idâly,

Sahubâ nhokeze. SONSOM SONSOM târâ atay saudylymo.

Mâkâ ma sauna, âtuguni. SONSOM SONSOM saudylymo.

Ipa, mârâ ainji nhekyguelymo lelâ. Anji nhekyguelymo.

Nhakolymo.

*_ Iokobadaungâne. “Aietaungâ” keanry xigâlegue xogo
_ kelymo.*

Ekû nhekanâdylymo âmugâ oday. Inê warâ nhakolymo.

Nhunolymo. In-hulymo poguem. Awaduem egupyry anhedylymo.

Aitybyem awylymo ume nhuwynmo saindyly. IU`idâlymo.

_ Aukâlâ enram xogo âewyly.

_ AHA HA AHA HA – iemunumo.

_ Anrinlâ wâne-kâ. Aukâlâ wâneam – kely.

Âe..wy.. ly. TA, peto nhamely.

_ A, xogo, xogo, xogo – keduo, toenzepa lâgâlâ mângâ

Tuodaypa awyly.

Tuodaxi idyly. Âtâ odaxi egawândyly, XUM.

_ Alâ, xogo. Alâ, xogo. Alâ. Alâ – keduo lelâlâ iomazely

Tuoday.

Koendâ idyly.

_ Ainlâ wâneam – kely.

_ Xogo eoku ânâseângâ.

Pogu nhâseândylymo. Tyangaxigumemune tyangahuzeba,

Tyangaxigumemune. Nem tyeguepa lâgâlâ warâ.

Aituo myakânwâm aguely:

_ koendâpa mataunaze, ymeom. Angahudâzemo wao urâ

_ Kely.

BAUK. Ura saseguzze idâly. Apalaguam, awârâ mondo

Edyprygue nhusedâdyly. Xusery anhedyly. EH, koenwâtâ

Kehoem âdusedâduo-mo.

Aituo ierymo wâne XUXÚ XUXÚ, kuriru kulâ. Aituo

Tyemimune.

_ Inakanhe awârâ _ kely.

BAUK, matola sanly etywâze idâly. Târâ nhenewyly. Mârâ

Matola anlygue ma XU`XU`XU` nhetâdyly.

_ Nâbâ, âipadaungâ – kely.

_ AHA HA HA HA – ieipadylymo.

EH, koendâ kehoem mârâ nhusagâdayn-hobyry agâ iery.

_ Em-hem, alâ enram. Alâ wâneam – kely.

_ Xuenrymo pulâ ise – kely.

Xuenrymo pylâ nhygakyly. Até earamo xuerymo

Nhygadyly. Inwanxierymo nhawâdyly. Koendâ kehoem

In-hudâdaynly, koenwâtâ kehoem, xuenry ihunumo wakehoem.

Aituo myakânwâm aguely:

_ Âtuimo wao, ymeom – kely.

Awolâ myakânwâm lâpylâ awârâ ezewentubyrylâ maunkâ

Aukâ. Tâxiry âguwâni mondo, tywase âguwâni mondo warâ aito.

_ Âtulymo wao isenram. Âda mawylimo kêendlyly –

Kely.

Iwarymolâ wao saguhoem kuru anhekely. Nem âda peba.

Aituo myakânwâm pimirimeombyry guenhapadyly. Imeombyry

Mâkâ ondakonro mondo, ponwanry odakonro mondo TYK TYK

Mâkâ. Ilâ odakom modogue nhapadyly. Ilâ anhetuo ma

Koendâ-ro. Alâ iwary, iwidy, iwidy, idânârâ kehoem anhedlyly.

_ Alâ?

_ Alâ wâneam – kely.

_ Iwerâ ise-ro? Iwerâ ise.Âdulymo isenram iwerâma.

Igamelymo ise iweâma warâ – kely.

Ilâ paeto, uto ingonodyly. Âty nhygadyly, akaemo

Tunduhoem. Alâ âjigâseolymo. Mâkâ nhenokudybymo mondo

Ingâsedlyly. Ipa, âewylimo lelâ.

Saguhoem kuru âeni aukâ, sarolâ wao saguhoem kuru âeni.

Tuhuiumele kehoem saro âewyly.

_ NARI NARI NA ...UM TE HE TE HE NAM.UM TE

HE HE TE HE NAM.NAWARY NA UM TE HE TE HE TE

HE – tâkeze âewyly.

Até âtâ odaji egawâdyly, TUPÉ TUPÉ TUPÉ itybyem lelâ

Akaemo âtâ oday.

_ Mâkâ keba enram awâkâ – kely nhuwynmo.

_ Ygaem – kely.

Aituo aguely. Târemuenlâ aguely:

_ WODO IERYLÂ UM TE TE NA UM TE TE NA.
 WODO IERYLÂ UM TE HE TE HE NA. YRAMO IERYLÂ
 UM TE TE HE NA. UM TE HE TE HE TE HE NA. *Kuomi*
 IERYLÂ UM TE HE TE HE TE HE NA TE HE TE HE NA TE
 HE TE HE NA NAWIRY NA UM TE TE.

Wauroem kuru sain-ni saro. Inema akaemo-ro âgânâ-ro,
Akaemo Ikiamani domodo-ro.

_ NARI NARI NARI NAI NARI NARI NA TE TE NARI
 NARI TE TE NARI NARI – *tâkeze kehoem âemylymo.*
Tâzewyzy kehoem âewylymo. Ipa, egawândylymo. Alâ mâkâ
Iwarymolâ mâkâ iwaigoru onwa nhasedâgyly. Axiumbanalo-lâ
Iwaigoruam onwam. Iukonoanlâ aukâ ihogue. Iukono onwanlâ
Awâkâ apanumagalo. Iukonoanlâ Axiumbanalo. Warâ
Nhansedâdyly XÚ.

_ *Merâ iwidymo ma ise. Yagonronlâ ise merâ ma*
 _ *kehobyry.*

XU` iwidymo ma nudupa. Eagonroenlâ mâkâ iwidy ma. Ipa,
Nhewadyly. Inê warâ nhewadyly lelâ kehoem. TU`TU`mazagâ
Inagâ.

_ *Iemary onwam apanumagalo.*
Axiumbanalo xinu âzenupâoly.

_ *ÂGÂ! Pymâdo iwydy earogury ienupâdai – kely.*
Âridylymo. Inê âidylymo.

_ *Adakuiwâdaungârâ wao. Ikadaungârâ wao warâ*
 _ *tunwym keduo,*

_ *Idâim ise âmaemo – keduo, nem âkeá kepamo.*
Inê âidylymo lelâ.

_ *kâidylyam xirâ-ro – kely.*

Warâ tâzekadobyry, todohoguïn-ho mawâkâ
Tadânwam. “Alâ kulâ âini keba lâgâlâ awâkâ” nyngueani wânkâ
Iupy-ro. Aukâ tadânwam-ro warâ Ihogue damondo,
Apanumagalo domondo, ohoguïn-homobyry awâkâ todohoguïn-ho
Unkâ awâkâ uguely, nyngueane wânkâ iupy-ro, aukâ
Tadânwânra-ro.

Nem nykybamo. Ekadylymo wâne. PUH.

_ Âwâ.Idâze urâ-ro – kely iwary.

_ Idâze urâ-ro. Idâim aze-ro

Iwarylâ xykym. Iwiyo ma nykyba.

_ Âgânâlâ ise xina idâly ise. Xutuze lelâ ma xina – kelymo

Lelâ.

_ Âgânâlâ ise xina idâly – kelymo.

Ekadybyem TEK awyarâ mugutu âtâ ikaynâ indasedyly.

_ Xina idânwarylâ ise mârâ tarareim ise. Mârâ xina eodu

Ijînu intaunlâ ise. Intaunlâ pylâ ise aukâ mugutu eodu ijînu-ro.

Kurugâ kulâ, ânguydo imeom kulâ wa ise awâkâ eodu ijînu.

Sahurogu warâ ise aukâ idânwary. Aypa ise xina ma-ro – kely

Idasezelâ mâkâ mugutu. Ipa, aguely idase kewâse, idâze

Alelâ kehoem mâkâ mugutu, tydânwary nhokeze, até tâty inataji.

Mârâ udodo idâwanry pylâ nhahodâguyly-ro idyly.

Aituo mawânkâ emetybyem xykylymo.

_ Idâze lelâ xina. Kopaelâgâ ise xina idâly – tâkehobyryem

Idâlymo wâne.

Aituo pylâ xuzadylymo-ro. “Xirâ mugutu nhahodâdobyry

Wâgâ pylâ taynyonro ise. Tâynyonro ise mugutu idânwary

Keaki kunkâ-ro – kenwâmolâ wânemy.

Nem âkeá kepa mâkâ eagonro. Aituo maunkâ aidylymo.

Idâlymo lelâ mugutu etyam. Inê saindylymo mugutu etynram.

Ipa,

_ Â, weindo âewyly. Weindo âewyly – keduolâ unkâ,

_ Em-hem, idânwary keba enram, ugueaki, xigâlegue

_ Kely.

_ Mâkeba enram ugueanse xigâlegue. Mugutu idânwary

Kulâ keanze xirâ, ugueanselâ warâ – kelymo.

_ Weindo âewyly. Weindo âewyly.

Ipa, egawândylymo.

_ Igawântaungâ lelâne weindo, weindo.

_ “ Weindo âese” keanrylâ unkâ ymery-ro. Igawântaungâ,

Weindo.Igawântaungâ. Idymo iatâdaungâ. “ Weindone ejitâgâ lelâ,

*Seko.Âetuo weindo ejitâgâ lelâ. Iatâgâ lelâ. Sakuigâ lelâ warâ”
Keanki unkâ ymery-ro – kely.*

*Ipa, mâkâ mugutu idâypyem, penrâ nhohoze karedâ agâ
Idâypymoem.TU`ise kulelâ. TEK âladu nhekanâdyly, eoku
Nhempâguehoem, kewâtoem. XAUK âjixyguyly kulâ mârâ âladu
Onwam.*

_ Inakanhe kulâ unkâ aukâ aidyly uguely, ia.

_ Esedaungâ lelâ aidyly - kely.

Ipa, até nhekuily. Nhenkuiduo, tienydyzebamo lâgâlâ.

Aitaynlymo kulâ, nem nenybamo, ixigu kulâ awylygue.

Alâ myakânwâm mâkâ karedâ domondo saindyly.

_ kurane ainkâ. Kurane ainkâ. Weindoze naintai.Weindoze naintai – kely.

Ipa, nedaenkuba.

_ kuakâ, penrâ nheinly kuwânekâ awârâ, ia – kely.

_ Âdakely aukâ weindo? Tâlâ târâ kâentyby, weindo.

Toenzepa târâ. Kopaelâgâ ise esse kytâly – kely.

Nhendaenkulymo. POHnhakabely. TÂN esary nhatâly.

BOH ihuguely.PO mâkâ wane. TÂH esary nhatâly. HUN

Ihuguely lelâ. Ihuguely.

Âzekagâinly.Ise idâly. Âzekagâinly.

_ âdykâ palata, seko? Âdykâ okywa? Kuapaom ara

Kyenehoanry wârâ uny.

Âzekagâinly. Sa ma sa ma sa ma.

_ YGA, ygâenkulâ unkâ aukâ aidyly, uguely, ia.

_ En-he-ha.MYK alelâ ikâ – kelymo.

Ipa, kopaelâgâem idâlymo.

_ Inoro, weindo. Kieinra – kely.

Tâdymo nhagâkewâkyly.

_ Iedy agâ lelâ iseam udâly – kelymo.

_ Mânguy weindone kâdâneho. Etaungâne, weindo.

Komegori ejidyam awârâ. Komegoriam nhâsemo – kely mâkâ

Weindoam.

_ Aukâ gala wânkâ nhyântaguyly – tâkeduomo idâlymo,

Tâdy agâlâ.

Saindylymo.

_ Anri wane-ro, weindo – kely.

Nhepagodâdyly tâkuhomoem.

_ Xina wao ponwanry nuim tyeinly etary – kelymo.

_ Xalâne âetaungâ, weindo. Komegori ejidyam xirâ.

Idâlymo.TURU RU BOH.Maem ibyry nhedylymo. Ohogoji

Nhekirâdylymo.Nhapabililymo.

_ Adakykely wâinse? – kelymo.

_ “YGA!YGA!” kykenre.

_ YGA! YGA – kelymo, kaynâ mâkâ mugutu awyly ume.

_ YGA! YGA! YGA!

_ Weindono! Weindo! Weindo! Weindo!

Nihogubamo lelâ.Ipa, âkaunibymoem lelâ kehoem idâlymo,

Âwenkeybymoem lelâ kehoem.

_ Weindo, “ Xalâ âetaungâ, weindo ” ugueanse xigâlegue.

“ Komegori nhâsemo ” ugueanse xilâgue, weindo. Kaikâ

Weindo-kâ.

Taypa xytâguyzezedaylâ, ipa idâypymoem.

_ Kaikâ. Târâ kuaunkâ weindo aguely-ro – tâkeduo idâly.

BOH maem ibyry, maem ibyry sapabiliby nhedyly.

_ Kaikâ, weindo-kâ! Weindomy nâdâhoagui!

Tuândy, ibyrypyry nhaunkuly, PU tuhuaji.

_ Weindo-kâ! Weindo-kâ! Weindo-kâ! – tâkeze.

Idâly.

_ nhaum, âguy wânkâ mâkâ tuogunreim târâ?

_ Âwâ, mâkâ unkâ idâim ein-nrin-ro. Weindo

Nânehoagui-ro.

Ipa,

_ Weindo-kâ! Weindo-kâ!

_ Mâkâ lelâlâ.

SOK ise kai nhanâdyly.

_ Weindo-kâ! Weindo-kâ!

_ Weindo mânehoagui. “Weindo sânehoze maze” ugueanse

Xigâlegue.

*TA TA TA kaiguelâ mâkâ mugutu nhagataynlyTA TA TA
TEK. Alâ mâkâ mugutu nhagapejigomegu adyetobyrygue, kai
Anhetobyrygue.*

*– “Aienehoze maze” ugueanse xigâlegue. “Sânehoze maze”
Ugueanse xigâlegue – kely ise.*

*Warâ myakânwâm merâ mugutu domondo nhenokudylymo
Myakânwâm. Tonokuduo pylâ xuzadylymo-ro. Itybyem idâlymo.
(Ruth Tairu, 68 anos de idade)*

Figura 6 – Foto da dança do Kapa - Daircy, minha mãe



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015

Iamyra uguondo nhâtobyry

Saguhoem agaityom mondo xuelâ aitomobyry ise âyanmo

Kâegatuly. Saguhoem mykâinane âtâbâbyry mododâ sodokeyby

Iweâpa-ro watay, ânguy nykyba mykâinane saguhoem.

Iso, ywydy warâ myakânwâm âpa ezay, kâdâkerâ etygueze

Idâypyem myakânwâm aieholymo. Kâdâkerâ etygueze mâkâ

Iwydy.

Kudupi mondo tâtâze maunkâ saguhoem typi ezay agaityom

Mondo. Tâzetâoze lâpylâ lâgâlâ iwerâ warâ. Até iwerâ kudupi

Tumozeba lâgâlâ. Âpa ezay awârâem etâdyly.

Kudupi saguhobyry tientuo myani isso,

_ Merâ aini xuahuze âese urâ. Kudupi agüim xuahuze âese

Urâ – kely myani iso.

Aituo myani idâly âpa ezaji. Tarâ âtâdâlâ myani iwydy

Âxiânly. Mâkâ kulelâ târâ âtâdâ âxiânly. Isso mâkâ âpa ezano.

Târâ kudupi agüim âewyly inwânwândyly ume myani, mâkâ

Iamyra lelâ myani âepanâgueim, mâkâ uguondo sâse. TEK warâ

Âkuybyem se wâgâ inwânwândyly ume, âepanâguely. Nhândyly

Lelâ myani mâkâ iamyra mâkâuguondo. Târâ âpa ezay anhedyly.

Aituo myani nhenewylylelâ tyântyby awyarâ âtâam,

Iwydyanlâ. Aituo myani nhenewyly tyewanday TU DU DU DU,

XUM oto odaji.

_ Aukâlâ podo – kely myani mâkâ iwydypyryanlâ.

Aituo mâkâ iwydypyry aguely. MUK emydyam lelâ.

_ Ah, ymery nhuwym kulâ awâkâ. Kaikâ ymery nhuwyn-kâ

_ Kely myani.

Âdatâkedyzeba olâ mâkâ. Nem neogumapyra. MYK idyly

Lelâ. Âkeloem mâkâ kurâ awyly tientuo, iamyra maunkâ mâkâ.

Kurâem olâ mâkâ, iso xyâimpyry-ro warâ itanru.

_ Anra podo – kely.

Aituo,

_ Âkeá, podo – kehonly myani.

Peto nhatygyly myani. Peto xukawâze lelâ myani mâkâ

Iamyra aidyly, mâkâ isobyry tin-huhoem. Peto nhukawâdyly.

Peto nhehobanâdyly. Seka anhedyly.

_ Âdanipyra lâgâlâ mâkâ iwydypyry.

_ Âda wâinse iwerâ awidyly? – Kely tyangahu oday

Xunâgu.

_ Aypa ise kâwiendily ise. Udâly ise – kely.

*_ Nabârâ.Tâtâzeba itaungâ. Nabârâ – kehowâdaunmâmolâ
Ma my unkâ.*

_ Âkeá – kepamo myani.

*_ Tâlâ wao ise xina kâdâkerâ etyguese. Utubiry adaguoly
Warâ kuawân-rô – tâkeze myani.*

*Aunlolâ awâkâ aki, agaityom mondo eguanânehoimbyrlyâ
Aukâ.Aukâlâ ma myunkâ ani kudupi agüim, unâem.*

Aituo myani mâkâ iwydypyry paruum idâly.

*_ paruum udâly wao enram. Paru peba mawân-rô – kely
Mâkâ iamyanram.*

_ Inepane âekâ – kely myani mâkâ iamyra.

_ En-hem. Inepa ise kâewyly.

Koendâ kehoem olâ myani nhenokudyly.

Aituo paru ese idâly. Mârâ paru idânwary sawâse egatuze

*Alelâ myani. Mâkâ iwydypyry egatudyly lelâ myani. Até târâ
Idâly.*

*_ Târâ paikagâ kâewyly. Paru nhere kâewyly. Âda kulâ
Kâwylyly – kely myakânwâm.*

Aituo THE myani. Egânâpyaji tâtâze myani merâ

*Iamyra. “ Âdyam ka merâ nâtyagui?” tâkeduo myani nhahumbyry
Oze idâly até paru emelaji.*

Ipa olâ mâkâ pekodo tiempyra tituolâ myani MYRYK

Odopâdyly. Mâkâ tyâmpy aunlâse lelâ aidyly.

*Aituo mâkâ iwydypyry târâ saindyly. Tuogunre myani
Saindyly. Iwaguelâ eogunru indadylymo.*

_ Ymery nhuwyn-kâ! Ymery nhuwyn-kâ! – Kely, tindatuo.

_ Âh, nhaum, âguy unkâ mâkâ târâ tuogunreim?

_ Kelymo myakânwâm.

_ Âwâ! Ânguy keba lâgâlâ keanze. Akaemo kâdâkerâ

*Etygueze idâwâtyby mondo keanra. Âdalâ âiehoim? – kehonly
Myakânwâm.*

Aituo myani uguondo mondo typy nhaunkulylymo. Eyam

Âewylymo.

_ Âda midylymo? – kehonly myani.

_ Âda xina idyly. Ipa ymery nhuwym iamyra nâtai. Ymery
Nhunwym nâdâhoagui.

_ Ha, âkeá. Âdykâ? – kelymo myani.

_ Anri, âdykâba lâgâlâ mârâ âtâbâbyry odaylâ saunlâse
Aindyly – kely myani.

_ Âkeá.Âdara enra aidyly? – kelymo.

_ Âdarapa lâgâlâ. Âtâdâlâ enram urâ. “Aki xuahuagui wao.
Ânguyka unkâ inanry merâ kudupi agüim” tâkeduo maunkâ
Enram idâly. Kogonekâ ipa enram. Ine warâ idâpygeduolâ
Kehoem mâkâ nhenewyly lelâ kehoem. Tyewanday nhenewyly.
Ipa, DEH âtâ odaji nhakaunâdyly. “Aukâlâ. Anra podo” kely
Enram. Kâendyly enram. Mâkâ ymery nhuwym kâentuo toenzeim
Kebagâlâ enram inakanhe kulâ widyly. Târâ wogunru awârâ
Mondo. Uguepa lâgâlâ enram urâ warâ. MYK winase lelâ – kely
Myani mâkâ iwydypyry.

_ Âdykâka? – Kehonly myani.

_ Anri.Âdykâba lâgâlâ. Âtâ oday sâselâ aidyly. Saunlâselâ
Aidyly – kely myani iwydypyry.

Aituo myakânwâm,

_ Inoro, kydyâra Inoro, kydyâra – kelymo.

Âseinwândylymo. Mâkâ typy pyrâu agâ, mâkâ pyrâu agâ
Warâ kehoem âjikaunlymo myani. Mâkâ iamyra xyâze idâlymo
Myani.Iwaguelâ nhenuagaendylymo. Aidyly wao.Egasely.
Âwândyly até warâ. Egasely. Nhenuagaendylymo âtâ odaypa
Egaseybyem enuagunru, enuagunru. Âwândyly. Ituo
Myakânwâm,

_ Kydyânrene.Âsenugoendâdybyem lelâne kydâwân-ne.

Pyanta kuduahunre. Merâ nhâly.Âmâ mânhâly, âmâ, âmâ.
Idânârâ âzekiba kehoem ne pyrâu kydamenre nhowam – kelymo
Myani.

Aituo idâlymo.Ipa, pyantay lelâ kehoem TEK awyara myani

Sâse, ibyry sâse peto opay. Awyly umelâ myakânwâm xyâwâni

Mondo saindyly. Ipa, pyrâu nhowam nhamewâdylymo lelâ, até Iguely.

_ En-hem, kydyakilâ wâneze! Kydyaki lâwâne! – Kelymo Myani.

Nhenuagaendylymo lelâ. Ipa, kaikâ mâkâ nhâtyby idyrypyry Lelâ, izekaly wâgâ nhagahubyry, ihurubyry, awârâ mondo Nhedylymo myakânwâm.

Aituo aguelymo:

_ Kaikâ! “Nabârâ” xina nygue lâgâlâ ma. “Eguase Mataunaze nabârâ” tâkezelâ ani xina. Xina nyguelâ warâ. Aiehozelâ keankâ mâxiânlymo keankâ. “Talâ wao ise xina” Myguelymo keankâ warâ. Tâwâlâ awârâ âdydo imeom Nadaguodyse uguely – kelymo myakânwâm.

Sâni xyâze idâypyem.

Aituo myani,

_ Âdara kiendyly ise merâ iwerâ? – kely, âtâ oday

Awylygue.

Iwelo keba mawân-râ awârâ âtâ itâdyly wakurigue, âpa ezay Saguhoem kuru awârâ itâdyby awylygue.

_ Âda kiendyly? – kelymo.

_ Âda kiendyly?

_ Kyjiaduân-ne – kelymo myani.

_ Kyjiaduân-ne.

Aituo myani mârâ âtâlâ nhemanâdylymo. Âtâ nhuguelymo.

Nhaduândylymo. Até nhaduândylymo.

Aituo maunkâ mârâ iaduân-nipyryem myani,

_ Âufa! Amitobyryne kadapâidâ. Amitobyry mapâidyly

Tâisebane ikâ – kehobyry olâ maunkâ aukâ iamyra.

Awylygue olâ maunkâ iamyra âdykâ tâepanâguezêlâ wane.

Kâpyra awyly. Agaityom mondo xuelâ nhâllymo. Nhuewenlymo.

Nhetybymo awylygue olâ maunkâ iamyra kâpyra awyly, tâkeze

Inanry seko. Unâ nhegatuly, mârâ saguhobyry mondo aitobyry.

Awylygue maunkâ ânguy âtâbâbyry sodokeyby-ro watay, iweâpa

Mârâ nem kurâ nâtâba-ro waunlo oday, nykyba awyly.

_ *Tâykyzeba itaungâ. Âdykâ âtâ peba atodâlâ*
Âkywâdaungâ. Warâ agaityom mondo eguatobyry – kely inanry
Seko tymeonram, tyweoam warâ.
 _ *Ânguydo imeom aukâ tâinzeim agüim mondo, nahondo*
Aguwâni mondo, aukâ inwânwânse mydâlymo kopae tâiseba itaugâ
 _ *Warâ kely inanry tymeoam, tyweoam warâ, aityby awylygue.*
 _ *Âufa amitobyry kadapâidâ kehobyry olâ aukâ iamyra.*
Âdâhoze âmâ. Âzegakuoze âmâ warâ. Iwerâ lolâ ânguydo imeom alâ kulâ kâdyly
nipyra awyly. Ainkâba saguhoem âguydo imeom
Kâdyly – kely inanry. Alâ kulâ.
 (Moacir Madycai, 66 anos de idade)

3.2 Versão para o português

Alakibe

O pai de *Alakibe* estava sempre zangado e não atendia mais a sua mulher. Certo dia ela falou para o marido: "Vamos comer mel?".

_ Por que é que você está querendo comer mel? Se você quiser comer, vá tirá-lo – respondeu o marido dela.

A mulher sempre insistia, e de tanto ela pedir para irem tirar mel, o marido falou com raiva que iria.

Assim foram. Foi também o seu filho, de mais ou menos cinco ou seis anos de idade.

Eles foram. Chegando lá, o marido colocou a escada embaixo de uma árvore, subiu e começou a tirar o mel. Ele não tirou todo o mel que estava lá, no oco do pau, deixando o restante para sua mulher tirar. Mas não dava para ela tirar o mel, porque sua mão não cabia. O buraco que havia naquela árvore era estreito e ela não podia tirar a sua mão dali.

_ Mas deixe sua mão aí dentro mesmo, dentro do oco do pau – disse o marido.

Ela não pôde tirar a mão. Então o marido cortou o pau e uma lasca caiu no buraco prendendo a mão da mulher. Então a mulher gritou de dor.

Depois de ter feito isso, o marido desceu e foi embora. O filho dela ficou ali mesmo embaixo dela. Ele estava com muita sede e falou para sua mãe que queria ir embora.

_ Não tenho como ir, meu filho. Veja o que o seu pai fez comigo! Ele me fez mal para me fazer sofrer – disse ela.

_ Vá lá no seu avô pedir água – ela disse para o menino, mandando-o à casa da cigarra macho, pois esta podia fazer com que chovesse.

Então a cigarra mandou chover. A água caiu do céu.

_Ponha a cuia para aparar água – disse a cigarra macho.

O menino fez o que ela mandou. Colocou a cuia no chão e a água da chuva caiu dentro dela. Ele bebeu a água que caiu. Pôs a cuia novamente, encheu-a e bebeu.

Enquanto isso a mãe do menino ia criando penas no seu corpo. Ela estava transformando em Urutau e criou penas no corpo dela.

_Avisarei o que vai acontecer. Se eu cantar “U U U U”, isto é para você acordar e se banhar. Se acontecer coisa boa, vou cantar “KU KU KU KU” – disse a mãe do menino.

_Agora vá, meu filho. Procure o seu avô para ele lhe fazer crescer. Vá encontrá-lo gritando: KAM KAM. Você vai levar o óleo de pequi e a resina para ele. Quando você gritar, não o chame pelo nome. Não o chame pelo nome de “Sucuri”. Use somente os nomes de “*Orogamâ*” “*Matobia*” e nunca “Sucuri”, porque ele não gosta.

Ele foi para a casa da avó dele. Quando chegou, ele falou para a avó:

_Vovó, eu vou embora, pois a minha mãe disse que não é mais como gente.

Então o neto foi embora, levando resina, óleo de pequi e urucum. No caminho encontrou com a cobra macho, que é a mesma cobra coral d’água, que perguntou onde estaria indo.

_Vou á casa do meu avô.

_Ah, é? O que é que você está levando?

_Oleo de pequi e resina.

_Deixe-me passar a resina no meu corpo para ficar brilhoso!

A cobra coral tinha dito ao menino, antes disso, como chegar lá:

_Quando você for até a casa do seu avô, vá chamando e gritando por ele como “vovô” – disse a cobra coral.

Chegando próximo á casa da sucurei o menino gritou:

_KAM, KAM. Avô, KAM. *Matobia!* *Orogamâ!* – o menino foi gritando, chamando a sucurei por sobrenome, pois a sucurei não aceitava outro nome.

A sucurei macho foi se aproximando. Chegou perto do menino e disse para ele:

_Ah, é você, meu neto?

_Sim, sou eu mesmo.

_ Ouvi a notícia que seu pai estava maltratando você. O seu pai está bravo. Ele quer fazer com você semelhante ao que fez com sua mãe – disse a sucurei macho.

_Sim, vovô. Aqui trouxe um pouco de resina e gordura de pequi – disse o menino para o avô.

_Eu não sou digno de confiança, para que mandem um menino até aqui. Sou muito temido, sabe?

Ele levou o menino para a casa dele e falou com sua esposa:

_Você vai arranhar o nosso neto primeiro.

Então de tardezinha ela engoliu o menino para ele ficar na sua barriga e disse para ele:

_Quando estiver enjoado de ficar aí dentro você deve se mexer, dando sinal.

Então ele ficou lá. Depois de algum tempo ele se mexeu dentro da sucuri, fazendo o sinal na barriga dela.

_O nosso neto mexeu aqui dentro. Ele já deu o sinal. Está enjoado de ficar aqui. Vá apanhar água para lavá-lo.

_Sim – respondeu o marido, e foi buscar a água.

Depois ela vomitou e assim o menino saiu da sua barriga. Enquanto saía, ela o arranhou com os dentes. O menino estava bem branco e gordo. Tinha crescido. Então ela o lavou.

Em seguida, o menino saiu para aprender a caçar. Ele deveria matar paca a fim de alimentar a dona sucuri. Ao trazer a paca deu-a para a avó, que disse ao marido:

_Agora você vai engolir o nosso neto.

O menino demorou um tempo na barriga do avô. Depois desse tempo ele mexeu.

_Mulher, o nosso neto está me tocando, dando-me o sinal. Vá baldear água.

Ela baldeou água numa vasilha grande feita de barro. A sucuri macho vomitou o menino e o lançou fora. O menino tinha crescido mais ainda e tornou-se um rapaz, alto e forte, depois que a sucuri macho o banhou, ele foi caçar para comer. Depois eles levaram o menino até o lugar onde o tinham encontrado e o deixaram lá. Aí o menino foi sozinho para casa, tocando sua flauta.

_Alakibe já chegou! – disse sua tia, irmã da sua mãe.

Quando o pai dele ouviu ele tocando, falou:

_Veio nada! Ele está na barriga da sucuri sem ter como escapar.

A mulher respondeu:

_Já veio, sim. Está lá. Vou levar mingau para a avó dele.

A tia de *Alakibe* levou mingau para a velha e viu o rapaz. Ela esteve lá com ele. Namorou com o filho de sua irmã mais velha. Ficaram juntos por uns dias.

Enquanto isso, o pai de *Alakibe* o aconselhava a fazer algumas coisas para ele, pois queria que acontecesse coisas ruins com o seu filho.

_Vamos fazer a casa de dança, meu filho. Não estamos bem – disse.

Alakibe mandou que a “formiga-correição” fizesse, durante a noite toda, a casa de dança. O carregador construiu a casa rapidamente.

_Quero que você traga o enfeite para a casa de dança – pediu o pai do rapaz.

Então *Alakibe* falou para sua avó:

_Papai me mandou buscar mais coisas.

A avó do menino disse:

_Não vá, não. Seu pai quer que você morra.

Na mesma noite ele foi buscar o que seu pai tinha pedido. Ele foi desatar o enfeite na casa do morcego. Ele fez o morcego rir bastante, até cansar.

_O que é que as pessoas estão dizendo? O que é que você tinha ouvido, meu neto? – perguntou o morcego.

_Nada. Eles contam sempre aquilo que você fez, como você cortou a vagina da sua sogra. As pessoas contam isso, vovô.

_Ah, é? – ele disse e riu bastante.

_Conte de novo, meu neto.

Alakibe repetiu o que tinha dito e eles continuaram conversando.

O morcego continuava rindo muito. Numa certa hora, o morcego desmaiou de tanto rir. *Alakibe* continuava contando a história até que, rindo, o morcego adormeceu. Naquele momento o rapaz podê desatar o enfeite que seu pai pediu. Tirou o enfeite da casa e foi embora.

Quando acordou, o morcego foi dizendo:

_Vamos contar de novo isso, meu neto.

Mas ele não o encontrou mais. O enfeite da casa também não estava, pois *Alakibe* o tinha levado.

Aí, quando foi de tarde, o passarinho dele cantou:

_*Alakibe* XIM!

Quando amanheceu, o enfeite da casa de dança já estava colocado.

_Mas como é que ele consegue isto? – o pai de *Alakibe* pensou consigo mesmo.

Depois, o pai de *Alakibe* o mandava ir a todo lugar. Um dia o rapaz se cansou de ser mandado a toda parte e procurou um jeito de matar o seu pai. Ele se transformou em um cervo, fez chifre dos galhos de marmeleiro, e foi esperar o seu pai no rio para matá-lo.

_Gente, lá tem um animal que a gente não conhece. Quem é aquele? – disseram as mulheres que tinham ido ao rio. Os homens foram lá para vê-lo. Então *Alakibe* saiu em direção ao seu pai e, com uma chifrada certa no fígado, o matou.

_Gente, ele o matou! Ele o matou! Ele o matou! – gritaram as pessoas e foram lá para ver de perto.

Quando chegaram lá, o homem já estava morto. Aquele que o matou saiu do cervo e foi embora. Depois de voltar a ser apenas *Alakibe*, o rapaz foi tomar banho, mas não lavou bem atrás da sua orelha. Voltou para casa, e a mulher foi lhe contar o que tinha acontecido.

_Hã um animal estranho lá no porto. Não sabemos quem é aquele. Ele matou gente.

Então a ex-mulher do pai se juntou com ele e disse:

_Deixe-me ver os seus piolhos.

Enquanto olhava, viu piolhos na cabeça. Viu também o sangue no pé da orelha dele e perguntou:

_Foi você quem o matou? Foi você quem fez isso? Foi você que matou seu pai?

_Sim, eu mesmo. Fui eu quem o matou, porque ele maltratou a minha mãe. Por isso descontei o que ele fez com ela. Eu lembrei como fui criado sem mãe, pois ele a maltratava. Por isso fiz assim – ele disse.

Depois disso ele foi embora. Fugiu, depois de matar o seu pai.

Os nossos antepassados estavam no escuro

No princípio não tinha dia, só existia noite. Para os nossos antepassados, nada de luz. Viviam no escuro. Não havia nem sol nem estrelas. Naquele tempo os antigos viviam debaixo das árvores, entre as raízes por causa da escuridão. E eles, os nossos avós, eram devorados pelas onças, quando no princípio não havia sol. Então o *Kuamoty* (DEUS) foi para o mato apanhar seda de tucum para enrabichar o seu anzol. Foi no escuro para tirá-la. As onças foram matá-lo, mas *Kuamoty* escapou.

As onças o cercaram e ele estava em pé, bem no meio delas. Elas passaram perto dele. Quando *Kuamoty* ouviu o som da flecha de uma onça, ele olhou e disse:

_Aí, meu sobrinho. Não me faça isto. Sou pai das moças.

_Sim! Passe depressa – disse a onça.

_Cadê ele? Cadê ele? Cadê ele? – disseram as outras onças.

_Veio para cá. Você o deixou escapar. Você mesmo é quem o deixou ir embora. Ele veio para cá – disseram as outras onças para o irmão delas.

_Não, por aqui ele não passou.

Então o *Kuamoty* passou e foi embora. Quando chegou lá, ele se deitou e pensou como é que iria fazer agora?

Então ele foi cortar uns paus para fazê-los se transformar em gente. Assim ele formou as primeiras pessoas. Formou-as com rostos e bocas iguais aos nossos. Depois disto, ele as deixou, dizendo para elas:

_Agora soquem este milho no pilão.

Ele desceu o milho pendurados, pôs no pilão para elas socarem e foi á roça. Enquanto ele estava na roça carpindo o mato, elas socaram o milho. Antes dele voltar da roça, as moças falaram:

_Está chegando a hora da volta do nosso pai.

Quando o pai delas, aquele que as tinha formado, foi se aproximando, elas, de assusto, caíram no chão e não se levantaram porque não foram formados de maneira perfeita. Então ele entrou e observou que o pau não tinha sido bem transformado em gente, e pensou no que iria fazer: cortou outro tipo de madeira e fez como tinha feito anteriormente. Depois de formar pessoas de novo, disse para as moças novas que tinha formado:

_Aqui está o milho, minhas filhas. Vocês vão socá-lo e fazer mingau para mim.

Ele apanhou o milho e deixou-o junto ao pilão como tinha feito antes, e foi embora para a roça carpir mato de novo. Então elas se levantaram e começaram a debulhar o milho. Depois de debulhá-lo, elas o socaram no pilão e disseram entre si:

_Vamos socá-lo rápido, porque assim o nosso pai nos mandou fazer.

Prepararam água para mornar dentro de uma panela, colocaram o milho para cozinhar, coaram e fizeram o mingau. E do que sobrou fizeram beiju. Depois disso, viram que o pai delas estava chegando.

_O nosso pai já vem.

Ele veio e jogou no chão o feixe de lenha que estava carregando.

Ao vê-lo, elas disseram:

_Pai! Pai! Pai!

Kuamoty se assustou quando ouviu das moças falando. Ficou fora de si, mas depois tranquilizou e entrou em casa. Quando elas o cumprimentaram, ele ficou muito feliz e disse:

_Parece que vai dar certo agora.

As moças ainda não tinham cabelos nem dentes. Então *Kuamoty* disse para elas:

_Vocês não estão perfeitas ainda, filhas. Vou fazer cabelos para vocês.

Dizendo isto, ele foi apanhar seda de tucum-mirim e de outras árvores parecidas. Dessa seda ele fez cabelos e os colocou nelas. Elas ficaram muito bonitas com os cabelos. Depois de dar-lhe cabelos, *Kuamoty* fez dentes para as moças. Ele os fez da fruta de uma certa árvore, e por isso os dentes eram vermelhos. Então ele pensou que não estava bom.

Ele saiu de novo, tirou sementes de mangaba e as trouxe para casa. Dessas sementes ele formou dentes novos para elas. Elas riram. Já estavam todas lindas com os cabelos e com aquela dentadura bonita.

_Está perfeito, tudo certo. Só faltam as saias – disse ele. Depois de dizer isto, ele fez saias e cintos para todas elas. Ele formou e enfeitou bem os quadris das moças, e elas ficaram muito bonitas com aqueles cintos. Observando-as, ele falou a elas:

_Deixem-me prová-las. Vou sentir como estão. (Por isso certas pessoas têm costume de relacionar-se com suas filhas e sobrinhas.)

Primeiro ele provou a irmã mais velha. Mas não tinha prazer e pôs formiguinhas, essas que sempre ficam nas folhas, na vagina das suas filhas. Então ele sentiu prazer e provou todas elas. Assim ele fez sexo com a mais velha, a segunda e a mais nova.

_Pronto! – disse *Kuamoty*,

_Está bem. Agora vou fazê-las casar. Vou entregar vocês para aquelas que vão ser seus maridos.

Dizendo isto, ele mandou alguém para fazer o convite, para contar ao povo sobre a festa de casamento. Ele fez festa para a entrega das filhas. E os convidados vieram logo. As ariranhas machos foram as primeiras a chegarem. Vieram bem lustrados de pintura e entraram cantando na casa onde as moças estavam.

_Não são eles que vão ser maridos delas – disse *Kuamoty*.

Então as ariranhas machos cantarolaram.

Por último, as onças machos chegaram, cantarolando. Vinham tocando suas flautas de taquara e entraram. A irmã mais velha, *Axiumbanalo*, casou com o primeiro irmão, o mais velho. A segunda irmã, *Ihogue*, casou com o segundo irmão. A terceira irmã, *apanumagalo*, casou com o irmão caçula. Assim o pai delas entregou as suas três filhas mais velhas para as onças machos.

_ Esta irmã caçula Ereiru vai ficar aqui comigo – disse ele.

Ele não entregou a caçula para casar-se, mas ela ficou para companhia dele.

Então as onças dançaram e o mosquito fêmea dançou também.

_Na minha mão vem *apanumagalo* – cantava o mosquito.

Uma das moças feriu os olhos do mosquito.

_Ai! O cocar da esposa do chefe me feriu. Chuçou o meu olho – disse o mosquito fêma.

Todas as casadas dançaram com os seus maridos.

_Venham beber. Venham sentar, porque vocês vão ter que ir embora – disse o pai.

_Estou dançando – disse uma delas.

Assim foi a entrega das filhas. O pai delas as entregou com a dança da flauta de taquara. (Minha tia me contava que a dança de taquara foi o ritual em *Apanumagalo* e as outras irmãs casaram.)

Elas não dormiram. Só pararam um pouco e sentaram. A irmã mais velha disse que tinha que ir embora e foi dormir, mas as outras duas continuaram acordadas.

_Nós vamos depois. Nós vamos saber bem o caminho – disseram elas aos maridos, antes deles irem embora.

Os maridos delas foram embora primeiro, enquanto elas dormiam. Mas uma coruja macho estava escutando atrás da casa e ouviu tudo o que elas estavam dizendo. Antes de irem, os maridos tinham avisado às esposas, mostrando por onde elas deveriam ir no dia seguinte.

_O nosso caminho é aquela rodagem que segue em frente. O pêlo da caça que comemos será o sinal de que estão no caminho certo. Mas tem outro caminho, o da coruja, que é muito suju. Só tem o pêlo da caça que ela come: pêlo de coelho e de outros bichos feios. Essa é a estrada dela. Mas a nossa estrada não é assim – disseram os maridos.

Porém, a coruja macho estava escutando a conversa deles. Quando ouviu isso, ela foi imediatamente limpar sua estrada, até na porta da sua casa. Ela jogou o que tinha carpido na estrada da onça para enganar as mulheres.

Depois daquela festa terminar, elas foram dormir, dizendo que iam sair amanhã. Então elas foram e se perderam.

_Este é o caminho da coruja e o outro caminho é o da onça – disse uma delas.

Mas a outra não aceitava, insistindo que era o contrário. Então elas ficaram em dúvida, sem saber qual era o caminho certo e foram pelo da coruja, até chegaram á casa dela.

_Ah, vêm visitas. *Weindo* (Netas) já vêm – elas ouviram a mãe da coruja dizer.

_Eu disse que este não era o caminho certo. Eu pensei que podia ser o da coruja – disse uma delas.

_*Weindo* está chegando. *Weindo* está chegando. Entrem – disse a mãe da coruja.

Quando ouviram isto, elas entraram na casa e olhavam uma para outra. A mãe da coruja disse:

_O meu filho disse que viriam algumas pessoas hoje. Ele me disse que *Weindo* ia chegar. Entrem, armem suas redes. Ele pediu para eu hospedar vocês. “Quando elas chegarem, hospede-as. Arme as suas redes e dê-lhes de beber” o meu filho tinha dito.

Aquela coruja macho não estava no momento da chegada das mulheres, porque tinha ido tirar mel, junto com a irara. Somente a mãe dele estava. Ela pôs a panela rasa no fogo para fazer beiju com que fazer mingau para elas. Mas ela defecou em cima do forno.

_Aquilo que ela está fazendo é horroroso, irmã – disse a mais nova. A outra respondeu:

_Fique quieta. Somente olhe com seus próprios olhos – disse.

Ela terminou o preparo e pôs as fezes na água, como se estivesse fazendo mingau. Mas as moças não queriam bebê-lo. Apenas fingiam que estavam bebendo. Então aquele que tinha ido tirar mel, chegou.

_Chegue tranquilo. Chegue tranquilo. As visitas chegaram. *Weindo* chegou – disse a mãe dele.

A irara macho não quis cumprimentar as visitas. Fez de conta que não as via. Ela veio com o mel. Vendo a irara macho chegando com o mel, a mais nova ficou com desejo de comer mel e disse:

_Eu estou com vontade de comer mel, irmã.

_O que é que ela está dizendo? Achei muito mel lá no mato. Amanhã vamos tirá-lo – disse a coruja macho.

Ele foi cumprimentá-las. Elas estavam cada uma na sua rede. Ele foi deitar-se com uma delas, mas a corda da rede arrebentou e ele caiu. Então ele foi para outra. Também aconteceu a mesma coisa, a corda da rede arrebentou e ele caiu de novo. A coruja macho foi se banhar e pentear o cabelo.

_Cadê o pente, mamãe? Cadê o pente? As abelhas assanharam o meu cabelo.

Ele achou o pente e penteou o cabelo.

No outro dia, elas foram para o mato tirar mel com a coruja.

_Vamos comer mel, *Weindo* – disse ele. Então elas desarmaram suas redes.

_Vou de vez com a minha rede – uma delas disse.

_Eu também vou – a outra respondeu.

_Não deixe a onças comerem as moças. Cuide bem delas. Vocês estão indo para o lugar onde fica a onça macho chamada *Komegori*, e ela poderá comê-las. Cuide bem delas – disse a mãe da coruja.

Elas disseram entre si:

_Ah, é dele, de *Komegori*, que a mãe da coruja tem medo.

Falando assim, elas saíram com suas redes e chegaram lá. A coruja macho fez escada para subir e disse:

_Aqui está mel, *Weindo*.

_Vamos apanhar folhas para fazer vasilha em que comeremos o mel – responderam as mulheres.

_Fiquem aqui perto. Não vão longe. Aqui existe onça.

Assim elas foram e viram uns ossos de anta. Então prepararam uma tinta rapando a casca da árvore chamada *ohogoji* para fazer grude. Com a tinta avermelharam os ossos.

_Vamos gritar forte, como se estivéssemos em perigo.

_Ai! Ai! – gritaram, quando a coruja macho estava lá em cima. – Ai! Ai!

Quando a coruja macho ouviu os gritos, chamou por elas. Mas elas não responderam, porque tinham corrido e ido embora.

_Weindo, falei para vocês ficarem aqui perto. Falei que a onça podia comê-las – ele disse.

Enquanto ele descia da árvore, elas já tinham ido embora longe.

_È ali que estão gritando – disse ele e foi para lá deparando com os ossos vermelhos de anta.

_Coitadas! Coitadas! Elas foram comidas!

Ele, sendo bobo, apanhou os ossos e os carregou nos braços indo na direção de casa, gritando:

_Coitadas! Coitadas!

_Gente, quem está chorando ali? – disse alguém que ouviu o choro da coruja.

_Oh, é o fulano que foi para lá. É certo que ele deixou as mulheres serem comidas pela onça – disse a mãe da coruja.

Ele vinha chorando. A mãe dele apanhou o ralo, enquanto ele continuou a gritar:

_Coitadas! Coitadas!

_Eu disse que você ia deixar a onça comer as moças. Você deixou o bicho comê-las mesmo. Dizendo isso, ela começou a bater na cabeça do filho com um ralo. De tanto bater, a coruja ficou com a cabeça chata, o sinal do ralo.

Assim aconteceu naquele tempo. Assim fizeram as mulheres que a coruja macho enganou. Enganadas, elas perderam o caminho e não foram pelo caminho certo. Mas elas também enganaram a coruja macho e escaparam dela.

Quando o espírito comeu o homem

Hoje vou contar sobre a vida dos nossos antepassados. Certa vez uma mulher e seu marido foram colher algodão. A mulher estava colhendo-o. nesse tempo os nossos antepassados também plantavam cabaças nas roças. (E até hoje ainda plantamos cabaças.)

Então o marido percebeu que algum bicho estava comendo as cabaças e disse:

_Eu vou investigar para saber quem está comendo as cabaças.

Então ele foi á roça e a sua mulher ficou só, na casinha perto dali. Enquanto aquele homem esperava ali na roça sentado numa árvore, um espírito mal apareceu e o matou. Depois de matá-lo, o espírito trouxe o morto para sua mulher. Trouxe-o no ombro até dentro da casa.

_Aqui está à caça – disse o espírito á do homem.

Então a mulher olhou para o corpo e reconheceu o marido. Mas ela não disse nada e nem chorou na frente daquele que tinha trazido o corpo do seu esposo. Ela viu que este que o tinha trazido era diferente, mas tinha forma de gente.

Então o espírito falou:

_Aqui está a caça.

_Ah, é caça – respondeu ela.

O espírito apanhou lenha para fazer fogo. Ele fez também um moquéim para assar a carne do homem. A mulher ficou pertubada, mas não disse nada, pensando como ia fazer.

Antes do homem morrer, os que moravam ali tinha dito para eles:

_Vamos. Não fiquem aqui sozinhos.

Mas não prestaram atenção ao que lhes diziam porque o homem queria acabar com que estava arruinando o que tinha na roça.

_Vamos ficar aqui, pois os bichos estão comendo as cabaças – eles tinham dito.

A cutia era culpada, pois era ela que comia as cabaças. Então a mulher foi ao rio, dizendo para o espírito que iria apanhar água.

_Volte logo – respondeu o espírito.

Mas ela o enganou direitinho. Fingiu que tinha ido apanhar água, mas quando chegou na estrada por onde as outras pessoas tinham ido, ela começou a correr. E correu muito pela estrada afora.

_Eu irei pela beira do rio – disse ela, indo embora.

O espírito foi atrás dela.

_Aonde é que ela foi? – perguntava a si mesma. E foi procurando até achar o rasto na beira do rio. Mas não achou a mulher. Então voltou e começou a moquear a carne do homem que ele tinha matado. A esposa do finado chegou chorando a sua casa na aldeia. De longe ouviram o seu choro, o seu lamento:

_Coitado do meu marido! Coitado do meu marido!

Ouviram este choro e disseram:

_Gente, alguém está chorando. Quem será?

_Se não me engano, são aqueles que foram colher algodão. Será que aconteceu algo com eles? – perguntaram.

Então os homens pegaram as suas flechas e foram encontrar-se com ela.

_Aconteceu alguma coisa? O que foi? – perguntaram.

_Sim, aconteceu uma coisa muito ruim. Um espírito matou o meu esposo e comeu uma parte dele.

_Ah, é? Onde está ele?

_Está moqueando lá na tapera – respondeu a mulher.

_Como aconteceu? – indagaram.

_Meu marido tinha ido esperar a cutia que estava comendo as cabaças. Eu fiquei em casa sozinha. O espírito não demorou. Apareceu com ele, trazendo o corpo do morto no seu ombro. Trouxe-o para dentro da casa. “Ai está a caça”, ele disse. E, quando vi, reconheci o meu marido. Fiquei muito perturbada, mas não chorei. Fiquei assim, quieta – disse a esposa do falecido.

_Vamos matá-lo – disseram os homens. Combinaram e foram, cada um com suas flechas, matar o espírito. De longe observaram o que o espírito estava fazendo, pois ele entrava e saía, olhando ao seu redor.

_Vamos cercar a casa e ficar na pontaria para pegá-lo. Jogaremos as nossas flechas ao mesmo tempo e o mataremos – combinaram os homens. Então foram. Ele estava na porta, comendo um osso do finado perto do fogo, quando os homens chegaram para matá-lo. Observaram atentamente o morto. Viram no moquém a cabeça e os pés do finado e disseram:

_Coitado! Nós o chamamos para voltar á aldeia conosco. “Vamos. Pode acontecer algo ruim com você”, dissemos. E, pois, assim aconteceu! Vocês teimaram em ficar. Melhor seria que tivessem deixado o bicho comer as cabaças.

Depois de matar o espírito, eles disseram dentro da casa:

_O que vamos fazer?

A casa era feita de acuri, como antigamente as pessoas faziam. Então resolveram queimá-la. Atearam fogo e queimaram a casa. Depois de tudo queimado, eles disseram ao espírito:

_Não repita nunca mais o que você fez.

Por isso o espírito, mesmo aparecendo, não come ninguém. Os antigos o mataram e o benzeram. Então hoje ele não come ninguém, mesmo que tente. Mesmo assim, não pousamos numa casa abandonada há muito tempo e nem vamos lá.

_Não durmam em casa abandonada, por esse fato contamos para filhos e netos.

_Não saia para saber dos bichos que comem alguma coisa na roça, como mandioca e batata. O espírito foi proibido de comer pessoas. Porém, pode correr atrás de você. Hoje em dia é que os espíritos não nos comem. Mas no princípio!!!

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DAS HISTÓRIAS *BAKAIRI*

1° TEMA

Situação da personagem: um menino que presenciou uma grande tragédia

Introdução: o menino acompanha a morte da mãe

Climax: vingança do menino sobre a morte da mãe

Cunho pedagógico: evitar brigas na frente das crianças

Quais personagens: menino, pai, mãe, avô, avó

TEMA: MORTE DA MÃE DO MENINO

Comentário: A história contada explica as passagens de fase na vida de um jovem *Bakairi*: “Os ritos de passagem”. Fala sobre o uso do escarificador para arranhar a pele das pessoas, sua importância do uso entre o nosso povo, para crescer e ficar forte. O banho para limpar as impurezas e o uso de infusos medicinais e do óleo de piqui. Explica o porquê do uso da pintura da cobra jiboia, principalmente nas crianças, pois ela que faz a criança crescer e ficar forte. Fala de quando for visitar alguém chamá-la pelo nome e nunca chegar de surpresa. Comer o que for oferecido e sempre levar algo para retribuir, para compartilhar a comida oferecida. Finalmente, a importância da família na criação de seus parentes, em especial a figura dos avós e da irmã da mãe, que na cultura *Bakairi* leva o mesmo nome: “SEKO”. Além disso fala de todos os problemas, que não independentemente de qualquer cultura, devem ser sempre evitados, as brigas de famílias e as brigas diante de seus filhos.

2° TEMA

Situação da personagem: o mundo ainda no tempo da escuridão

Introdução: escolha de marido perfeito para a filha

Climax: em busca de sobrevivência, o homem faz promessa

Cunho pedagógico: evitar fazer promessas com algo que não seja do seu alcance

Quais personagens: Deus (kuamoty), as quatro filhas, onça, ariranha, coruja,

TEMA: ORIGEM DO CASAMENTO

Comentário: Nessa história o povo *Bakairi* relata a origem do casamento e seus rituais de preparação. Fala dos acordos que ainda regem o matrimônio do povo *Bakairi*: a escolha do noivo pelos pais, a festa e a obrigação das mulheres em acompanhar os seus maridos. Fala da origem do povo *Bakairi* e do surgimento da inveja e das intrigas, que em muitas ocasiões

fizeram com que o nosso povo se separasse e criasse novas aldeias, abandonando o nosso território tradicional. Fala da atenção que devemos ter ao sair de casa, pois os caminhos podem nos levar a rumos não desejados em nossas vidas; as más companhias; bebedeiras; drogas; etc., e que existem pessoas maldosas, falsas, que é difícil reconhecer apenas por suas aparências físicas.

3° TEMA

Situação da personagem: o homem sofre ataque pelo espírito mal

Introdução: homem tenta salvar a plantação

Climax: homem acaba se dando mal

Cunho pedagógico: evitar andar sozinho na mata, em lugares abandonado e que possui algum mistério

Quais personagens: homem, mulher, espírito mal.

TEMA: HOMEM MORTO PELO ESPIRÍTO MAL

Comentário: Nessa história são apresentadas explicações para que o homem *Bakairi* não sofra qualquer tipo de ameaça ou agressão ao andar sozinho pela mata. Fala do mundo espiritual e de diferentes tipos de almas existentes em nosso plano terrestre. Dos cuidados que devemos tomar e das doenças que ronda a vida *Bakairi*. Ela explica a relação do homem e do mundo espiritual, no universo do povo *Bakairi*.

Figura 7 – Fotos de minha família e minha filhas com o pajé Vicente



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, observamos que há diferentes versões para o mesmo mito, mas isso não impede que o registro de uma delas seja feito. Uma vez escritas, as narrativas ficarão para posteridade, como fonte de pesquisa ou como elemento de discussão.

Percebemos, com a pesquisa, que muitos mitos já não são lembrados por parte da comunidade. Grande parte dos jovens desconhecem os mitos de origem do nosso próprio povo. Nesse caso, essa pesquisa é importante porque a prática de contar histórias na comunidade *Bakairi* precisa ser incentivada através da elaboração de livros para serem utilizados nas escolas da aldeia.

No decorrer da experiência de pesquisa, encontrei várias dificuldades e muitos desafios. Apesar de falar a mesma língua das pessoas da comunidade, percebi que algumas delas se recusam a ser entrevistadas e/ou pesquias. Por isso não alcancei todos os meus objetivos, isto é, não cheguei onde, na verdade, gostaria de chegar.

Mas a partir da conversa com pessoas da aldeia e com as informações de alguns anciãos, deu para coletar os dados principais, o que gostaria de saber sobre os mitos, que vai servir para a leitura na comunidade e na escola, em momentos posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena Nagamine. (Coord.) **Gêneros Do Discurso Na Escola: Mito, Conto, Cordel, Discurso Político, Divulgação Científica**. Ed. 5. São Paulo: Cortez, 2011. (Aprender e Ensinar Com Texto, V.5).

BRASIL. Ministério Da Cultura e Do Desporto. **Referencial Curricular Nacional Para as Escolas Indígenas (RCNEI)**. Brasília: Mec, 1998.

KOMAEDA, Laurinda. **Unâ Egatubobyry 5**. Cuiabá: Sammer Institute of Linguistics. 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CONSULTORES NATIVOS

Laurinda Komaeda (104 anos).

Magno Amaldo (45 anos).

Moacir Madicai (66 anos).

Ruth Tairo (68 anos).

ANEXO

ANEXO A – FOTO DE LUIZ CARLOS TÂWI MATARIM



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015